

Ecros de Guimarães

XII Ano — Numero 484

ORGÃO MONARQUICO

2.ª Série — 6.º Ano — N.º 37

Redacção e Administração

EM GUIMARÃES

Rua Cravador Molarinho, 47

Director, proprietario e editor

JOÃO PEREIRA DA COSTA

Guimarães, 8 de Outubro de 1927

Composição e Impressão

Tipografia „LUSITANIA“

Perto do Tribunal

Paiva Couceiro

Foi acolhido com simpatia e aplauso, como era de prever, o 1.º fascículo do novo livro, que terá por título «Subsídios para a obra do ressurgimento Nacional».

Em verdade diremos que são essas linhas fundo de sério e acrisolado estudo, inspirado pelo mais ardente patriotismo. O autor dispensa elogios.

E' bem certo isto que se lê nas «Palavras prévias»:

«*Todos os portugueses conhecem, mais ou menos, a triste situação a que chegou o seu paiz durante o período do governo republicano 1910-1926.*»

Paiva Couceiro continua pois, cada dia com mais razão, preferindo para Portugal a forma de governo monarchica, mas nem elle nem os seus amigos combatem a actual Ditadura, que se empenha sobretudo em impedir doudos desperdícios e vergonhosos destempêros, que são as naturais consequências de *qualquer* sistema de reles politiquisse e tonto liberalismo. Progresso e moralidade não são postos de parte.

Não se esqueça que não foram os monarchicos que ultimamente pegaram em armas e atacaram com todo o furor a Ditadura no Porto e Lisboa.

O restricto espaço de que este jornal dispõe não nos permite largas considerações.

Entretanto não queremos deixar de registar hoje que mereceu aos bons portugueses o mais sincero e quente aplauso quanto Paiva Couceiro delineou neste fascículo sobre religião.

Nem isto admira porque ninguém ignora que a grande maioria dos portugueses é de todo o coração católica; ainda ultimamente os vimaranenses assinalaram brilhantemente que são essas as suas crenças.

Pelo projecto de Paiva Couceiro, Portugal voltará a ser oficialmente um Estado católico, reatando desassombadamente as suas piás tradições, que tão refulgentes páginas deram para a história da nação.

Portugal seguirá neste ponto regular e ostensivamente (diga-se a verdade) no caminho em que a Ditadura já se lançou. Oxalá noutros pontos possa o nosso Portugal prosseguir firme e unido.

A nossa aspiração é a mesma manifestada, há anos, por Paiva Couceiro. São as seguintes as suas palavras:

«*A religião da Pátria, essa, que todos os portugueses a tenham, que todos os portugueses demonstrem que a tem.*»

Guimarães não tem um teatro!

Pugnemos, a valer, para o conseguir!

I

Regista o guia da cidade dois teatros. Na realidade *não há um!* Essas *casas sinistras* que para aí existem, *não são teatros*. São focos de perigo! São a vergonha da cidade! São um triste testemunho da nossa falta de bairrismo, de bom gosto e até de previdência! Se vivem, se abrem as suas portas, é pela tolerancia da autoridade!...

Vai a gente a Fafe e ergue-se lá um teatro, que faz gosto vê-lo. Vai a gente a Santo Tirso e topa-se lá um teatro, que logo denuncia a cultura do seu povo. Vai a gente a Felgueiras e descobre-se lá um teatro que, sendo modesto, é todavia aceiado... e «regularizar».

Mas basta de citar, de fazer confrontos.

O que se constata com dolorosa máguia é que terrinhas, vilinhas secundárias *possuem uma casa de espectáculos decente*, enquanto que Guimarães, uma cidade rica, nobre e antiga, *não tem uma casa de espectáculos à altura das necessidades do seu urbanismo, da sua educação e do seu progresso!*

Quem é proprietário do Teatro D. Afonso Henriques, se a Empresa, «juridicamente», não existe?

Ninguém até hoje tentou desencantar a «boceta de Pândora». Bacoreja-se, cacareja-se, palra-se, pia-se, mia-se, quanto à propriedade do Teatro D. Afonso Henriques; mas não se sai disso!

Nenhum procedimento sério, nenhuma tentativa inteligente e consciente se tem visto até hoje no sentido de *abrir brecha* no bocado caso.

Sabe-se que os acionistas, na sua quasi totalidade, abandonaram nas mãos de poucos, e *esses poucos nas mãos de um*, o «direito e acção» da propriedade do Teatro — que é o que costuma suceder, regra geral, com todas as empresas cujo papel não tem cotação nem dividendo.

Esta transcrição é do magistral discurso que o ilustre advogado dr. Bereira de Souza proferiu no tribunal do Porto, em Junho, de 1912.

Parece-nos que este discurso de defeza não deixaria de ser ouvido ou lido ainda hoje com proveito por muitas pessoas importantes.

Sabe-se também que, ainda há coisa de dois anos, uma convocação de acionistas se fez nas gasetas da terra para efeito de assembleia geral; e, contra o que seria de esperar, *nem aqueles que agitam no ar a posse de uma acção, nem esses que prometiam à mesa dos cafés ou no decilitrar dum copo generoso que lá iriam à assembleia geral «pôr tudo em pratos limpos», nem esses deram sinais de vida!*

Cesse, pois, esse fluxo labial dos conclaves aonde se usa e abusa da critica ao «dono do teatro»; porquanto, depois dessa convocação de resultados negativos, só um comentário resalta ao bico desta caneta que não sabe mentir e tanto gosta de pôr os pontos nos i i.

— *Se a empresa do teatro resultou em «propriedade privada», a culpa é menos do «proprietário» que dos acionistas!*

Como sair do «equivoco» para o resgate e entrar na posse e transformação do Teatro?

Passei em claro o ponto tantas vezes controvertido de saber—*se devemos em vez de restaurar um teatro velho, fazer erigir um novo*. Como porém é mais agradável ao meu «s-nso pratico» promover realidades que arquitetar quimeras, deixemos a mirabolância da construção dum teatro, novinho em folha, e entremos antes na efectivação daquilo que se me afigura praticável.

Pois quem haveria aí, lunático sonhador, que se metesse à tarefa de atrair capitais para uma empresa que, não oferecendo sequer garantias de juro, nenhum êxito tiraria do seu esforço?!

Deixemo-nos de castelos no ar e toca a positivar o nosso pensamento—tentando vingar uma ideia que, sendo comum, nem por isso deixa de corresponder a uma necessidade e a uma aspiração.

Impugne-se, se é legítimo, a «posse privada» da propriedade do Teatro D. Afonso Henriques; resgate-se «pela maneira mais judiciosa e aconselhada o direito dessa propriedade tam necessária para a colectividade vimaranense; acabe-se com o «equivoco» tam versado e nunca resolvido, para que dum condemnada casa de espectáculos surja, enfim, um teatro digno da nossa terra e à altura da nossa gente!

...Mas este assunto vale que ainda uma vez mais a elle volte.

Transcrições e legendas

Ácerca do decreto recentemente publicado, que manda inscrever nas bandeiras das unidades constitutivas do exército português, divisas, inscrições e legendas evocativas de fastos da guerra, convém recordar que esse louvável costume data de tempos muito antigos, tendo, porém, caído em desuso como, desgraçadamente, tudo quanto serve, ou tem por fim, educar e instruir o povo, elevando a moral da Nação.

A medida, portanto, agora adotada, ou dizendo com mais propriedade, renovada, vai em cada arma, em cada batalhão e em cada regimento, memorar-lhes perenemente o seu quinhão de heroicidade e de glória já arquivado no grande livro imperecível da História Pátria, resumindo num pensamento breve e conciso, num preceito, numa máxima talvez, forte, vigorosa e sugestiva, toda a sua biografia, que ficará d'oravante a flutuar, — cobrindo-o, honrando-o e enobrecendo-o —, nas dobras abençoadas da sua bandeira!

Este belo e salutar sistema, adotado por todos os países e invariavelmente pela França, já na remota antiguidade era seguido pelos proprios sabinos, quando o orgulho deste povo o levou a gravar nas suas bandeiras as quatro letras: S. P. Q. R. que queriam dizer *Sabino populo quis resistet?* (*Quem há que resista ao povo sabino?*), pergunta esta a que os romanos responderam altivamente com as mesmas letras gravadas nos seus lábaros: S. P. Q. R. que significavam *Senatos populos quae romanus* (*O senado e o povo romanos*).

Em maio de 1828 a rainha D. Maria II bordou por suas mãos, estando exilada em Londres, e destinada ao Batalhão de caçadores n.º 5 que se lhe conservou fiel em Angra do Heroísmo, uma bandeira cuja divisa era: «*Que vos possui a Pátria, em vós contemplo da lealdade o mais brilhante exemplo*»; e em agosto do mesmo ano D. Miguel I concedeu ao Batalhão de caçadores n.º 8, denominado no ano seguinte Regimento de Caçadores da Beira Baixa, uma bandeira cuja legenda dizia: *Vencerei estes adversários e quantos a meu rei fôrem contrários.*

FERNÃO PELOTE.

511011927.

Deça, portanto, o pano — enquanto busco elementos para... o 2.º acto.

A. L. DE CARVALHO.

Uma carta

De nosso prezado conterrâneo e amigo devotado da Penha, sr. Armindo Peixoto, recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos.

Meu caro A. L. de Carvalho

Com o maior interesse e cuidado li o teu artigo publicado no «Ecos de Guimarães» sobre a nossa linda Penha, da qual sou um fervoroso apaixonado.

Escusado será dizer-te que concordo com a doutrina expandida e, por isso, te envio os parabéns.

Como o teu artigo de algum modo me diz respeito, aproveito a oportunidade de te endereçar as minhas felicitações, para te prestar alguns esclarecimentos.

Quando fui eleito juiz da Penha, animou-me o maior desejo de produzir alguma coisa de util, mas, infelizmente, os colaboradores meus conterrâneos não me coadjuvaram na grande obra delineada.

Fui propositadamente à Penha, acompanhado pelo Ex.^{mo} Sr. António Martins, o melhor engenheiro paisagista, a fim de dar começo aos nossos trabalhos. Verifiquei que existia uma Comissão de Turismo, com os melhores recursos financeiros, a qual devia tomar a seu cargo a construção dum novo hotel, cujo terreno foi escolhido na encosta da montanha, junto ao do sr. Domingos Marques, e bem assim a «parquiação» da encosta e a abertura duma avenida que ligasse as duas estradas de Guimarães passando pela frente do hotel a construir.

Conferenciando com o Ex.^{mo} Sr. Mariano Felgueiras, e mais alguns membros da Comissão de Turismo, foi aprovada a efectivação deste projecto, antes da construção da vohada linha electrica, porque faltando à Penha um novo hotel e outras comodidades e melhoramentos, aquella redundaria num fracasso, o que seria triste.

Quando regressiei ao Porto, escrevi ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Mariano, prontificando-me a arranjar um engenheiro que elaboraria a planta do novo hotel, da «parquiação» e avenidas da encosta, cujas construções e efectivação estavam a cargo da Comissão de Turismo, acrescentando que a referida planta seria feita pelo seu amigo engenheiro sr. António Martins, sem despeza alguma para o Turismo, porque os gastos da própria viagem seriam pagos por mim. Infelizmente, o sr. Dr. Mariano Felgueiras nunca se dignou responder-me, apesar de lhe ter escrito mais do que uma vez e de ter empenhado o Sr. José Pina como intermediário, para conseguir de S. Ex.^a uma resposta aos meus oferecimentos.

A Comissão de Melhoramentos da Penha, de que eu fazia parte, destinava a arborisação dos terrenos desde a igreja até ao Pio IX e a construção da Igreja.

Eu tinha pedido ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Mariano Felgueiras que conseguisse ao governo a oferta, ou a venda por um preço mínimo, da igreja de Santa Luzia, visto que o material dela seria de grande auxílio para o começo da grandiosa obra que, uma vez começada, se continuaria até ao seu termo, pois, de certo, não faltariam donativos e esmolas para a sua conclusão. O Sr. Dr. Mariano concordou com a minha ideia, e disse-me que era fácil conseguir o material da igreja de Santa Luzia, ficando ele encarregado do assunto.

Também lembrei a S. Ex.^a a necessidade de incluir a Penha no regimen florestal, o que é, como deputado, conseguiria facilmente, assim como a conveniência da Comissão de Turismo conseguir o seu adicional para todas as freguesias do concelho, ficando S. Ex.^a de estudar estes dois casos, que não ofereciam grandes dificuldades.

A comissão de que eu fazia parte tomava o compromisso de ajardinar e fazer grutas no plano e largos da montanha. Para esse fim escrevi a alguns membros da comissão, pedindo-lhes que convocassem uma reunião em Guimarães, onde eu compareceria na companhia do Sr. Engenheiro António Martins, o qual apresentaria os seus planos e plantas gratuitamente, oferecendo eu todas as árvores precisas e pagando as despezas das viagens. Mas, com tristeza o digo, essa reunião nunca chegou a efectuar-se porque nunca a quiseram convocar, apesar da minha repetida insistência.

No Povo de Guimarães

Do Grupo «Pro Vimarane», recebemos a seguinte declaração, com pedido de publicação:

Serenamente, com a serenidade de quem tem a consciência tranqüila, a consciência de sempre ter escrupulosamente cumprido os deveres que a si próprios se impuzeram e as obrigações que desses deveres derivam, os membros do grupo «PRO VIMARANE» veem perante o público desagrar-se das calúnias e das insídias contidas num papelucho que há dias certo indivíduo, que para tal se acobertou sob um misérrimo anonimato, fez imprimir e publicar, com o manifesto intuito de difamação.

Se o jornal «PRO VIMARANE», não tivesse há tempos, por virtude de circunstâncias de ordem material, interrompido a sua publicação, a nossa resposta teria nêle o seu lugar próprio e não passaria duma simples local, duma local escrita em meia dúzia de palavras que para sempre, definitivamente, matassem a questão, lançando papelucho e autor para o cesto do lixo. . . Somos, porém, forçados a responder desta forma. Há de o público perdoar-nos o incómodo. O caso não vale, em bôa verdade, cousa alguma — quer se atenda ao efeito que porventura tivesse produzido o papelucho a que já aludimos, quer se atenda à autoridade moral de quem o fez publicar. Expliquêmo nos:

O Grupo «PRO VIMARANE», tem uma nobilíssima tradição. Com ela nos honramos tanto e tanto, por ela lutaremos, em todas as emergências e em todos os campos, como se da nossa própria dignidade se tratasse. Abnegadamente, com elevação e com firmeza, temos pugnado pelos interesses sagrados da nossa terra de forma a merecermos bem, sem a mínima parcela de favor, o

Compreendes bem que a minha boa vontade não podia vencer tanta inação, e, portanto, deixei de me interessar pela obra a que de principio me consagrara com tanta fé, no intuito de fazer da Penha uma das mais lindas estâncias de reponso de Portugal.

Annualmente tenho oferecido grande quantidade de árvores, mas lamento que a sua colocação não obedeça a um plano geral, porque, sem isso, pouco resultado se poderá tirar.

Finalmente, resta-me confessar-te que me retirei, envergonhado, do meu cargo de juiz da Comissão de Melhoramentos da Penha, cargo que nunca teria aceitado se soubesse que no seu desempenho nada poderia produzir.

Desculpa-me pelo precioso tempo que vim tomar-te e dispõe sempre do

Teu amigo dedicado,

Porto, 30 de Setembro de 1927.

ARMINDO PEIXOTO.

aplauso, ou pelo menos, o respeito de todos os vimaranenses.

Acontece, porem, que de um incidente há dias ocorrido num barracão desta cidade alguém se aproveita para publicamente, mas cobardemente, atingir não só a finalidade moral e social do Grupo «PRO VIMARANE», mas também a dignidade, o brio e a honra de todos os seus membros.

O incidente a que nos referimos é de todos sobejamente conhecido. Só um perverso um mal intencionado, um pessimista poderá responsabilisar por êle o Grupo a que pertencemos. Temos a certeza absoluta que não há uma só pessoa que não concorde inteiramente com esta afirmação. A razão porque vimos então à estacada?

Em duas palavras: — a agressão, embora cobarde, foi pública. Pública tinha de ser a nossa desafronta e a execração do agressor. E tudo se obtem declinando o nome deste. Chama-se — **Francisco Gonçalves da Cunha.**

Nada mais é preciso!

Guimarães, 7 de Outubro de 1927.

O Grupo **Pro Vimarane.**

Imposto de transacção

Continua o clamor contra o agravamento exagerado a que foram sujeitos os contribuintes do concelho de Guimarães.

Vários telegramas teem sido enviados ao sr. Ministro das Finanças pedindo-lhe que mande rever a distribuição do distrito de Braga, ou que de alguma forma alivie o pesado imposto que nos foi lançado.

Estamos certos que S. Ex.^a, esclarecido como é, nos fará a justiça devida.

Assim o esperamos, como esperamos que a Associação Commercial não descurará este assunto para a vida commercial vimaranense.

Mais um telegrama enviado:

Ex.^{mo} Ministro das Finanças — Lisboa — Grémio taberneiros e armazens vinho concelho Guimarães em sua primeira reunião distribuição verba resolveu vir muito respeitosamente perante V. Ex.^a protestar contra exagerado agravamento 39%, lançado sobre imposto transacção sua classe havendo ainda a notar impossibilidade collectar 47 contribuintes que fecharam. Pedimos providências a V. Ex.^a a fim evitar injusta desarmónia entre colegas. — O presidente do Grémio, **Manuel da Silva Leite.**

Necrologia

Dr. Carlos (Ficalho)

Trouxeram nos os jornais a notícia da morte por horrível desastre, sucedido em Pinhel, quando visitava uma fábrica, sendo apunhado por uma correia, o sr. dr. Carlos Melo e Costa (Ficalho), figura proeminente, fervoroso católico e devotado combatente de Monsanto e do Norte, a favor duma Causa que sempre serviu com ardor, por dedicação à Pátria que tanto amava.

Os seus funerais foram um testemunho de quanto era querido o ilustre fidalgo.

Nos funerais tomaram parte os seus companheiros de luta, e representantes da nobreza do nosso país.

Que Deus tenha em Sua Santa Guarda a sua alma generosa e boa.

Simão Ribeiro

Depois de um prolongado e cruciante sofrimento e confortado com os sacramentos da Igreja, faleceu na última semana do mês findo, o benquista industrial desta praça e nosso amigo, sr. Simão Ribeiro.

Tôda a medicina foi impotente para debelar o mal que vinha minando a existência do honrado e grande trabalhador que foi Simão Ribeiro.

O seu nome foi conhecido nesta cidade como um verdadeiro homem de bem, servindo em várias corporações, deixando o seu nome vincado em caracteres indelévelis em algumas. Viveu feliz durante largos anos. Um dia a fatalidade bateu-lhe à porta, roubando-lhe a esposa querida, principiando para Simão Ribeiro a vida atribulada e cheia de desgostos.

Que Deus se compadeça da sua alma.

Os seus funerais realizaram-se na igreja da Colegiada com larga assistência de cavalheiros de representação social e muitos amigos da família anojada.

A chave do féretro foi entregue ao intimo amigo, sr. Francisco Cardoso Maia, da cidade do Porto. Organizaram-se vários turnos, tendo o cadaver sido conduzido ao cemitério municipal no carro fúnebre da Ordem Dominica, seguido de vários trens e automoveis com pessoas amigas do extinto.

O «Ecos de Guimarães», sentindo a perda do bom amigo, envia aos seus a expressão sincera do seu muito pesar.

Exéquias

O clero desta cidade promove no dia 26 de Outubro, na igreja da Colegiada, solenes exéquias por alma do ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Bispo de Bragança às quais presidirá sua ex.^a rev.^{ma} o sr. Arcebispo Primáz, fazendo a oração fúnebre um ex.^{mo} Prelado.

Economia

EXCERTO

Gastar menos do que se ganha é a primeira regra de economia dada por Samuel Smiles.

A enfileirar com ela põe o autor este proloquio popular: Quem gasta mais do que o que ganha é louco.

Segunda regra: pagar de pronto e nunca em caso algum contrair dividas.

Proloquio demonstrativo: Quem paga o que deve sabe o que lhe fica.

Outra e não menos importante regra: nunca antecipar lucros incertos, por outras palavras: não gastar nunca antes de receber.

Vários outros preceitos consignava o grande moralista inglês no capítulo VI do seu famoso «Sê poupado», acabando por acentuar que não menos eficaz é o olhar atento do dono ou dona de casa para verificar que nada se perde, que tudo tem a conveniente aplicação e todas as cousas estão no seu lugar.

Pois que Smiles considera o não fazer dividas como regra indispensável de economia, acentuemos nós também aqui por disso estarmos convencidos, que elas são uma calamidade maior do que se pensa, entre outras razões porque o pagador honrado tem muitas vezes de ocorrer do seu bolso ao desfalque produzido no cofre do comerciante pelos devedores não honrados, por outras palavras: tem de pagar as suas dividas e as dos outros.

Fá-lo sem o saber, alheio como anda à enormidade do juro que o comerciante sem escrupulos lhe meteu na conta...

A. M. A.

Declaração

António Rodrigues (Palhas) estabelecido com padaria nas Taipas, declara ao público em geral de que nada deve a qualquer pessoa, mas se alguém se encontrar lesado que apresente a sua conta para ser paga à vista, Taipas, 30-9-1927.

Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães

Agradecimento

A Direcção desta Companhia, tendo agradecido individualmente às pessoas que, por qualquer forma, se dignaram expressar-lhe os seus sentimentos de pesar pelo falecimento do seu saudoso colega sr. Guilherme R. Lickfold, mas, podendo ter havido qualquer involuntária omissão, vem por esta forma significar a todos o seu maior reconhecimento.

Guimarães, 7 de Outubro de 1927.

Augusto José Domingues d'Araujo

Manuel Martins Barbosa d'Oliveira

João Martins de Freitas.

Antologia

O passeio de Santo Antonio

A COLUMBANO

Saíra Santo António do convento,
A dar o seu passeio costumado
E a decorar, num tom rezado e lento,
Um cândido sermão sobre o pecado.

Andando, andando sempre, repetia
O divino sermão piedoso e brando,
E nem notou que a tarde esmorecia,
Que vinha a noite plácida baixando...

E andando, andando, viu-se num outeiro,
Com árvores e casas espalhadas,
Que ficava distante do mosteiro
Uma légua das fartas, das puxadas.

Surpreendido por se ver tam longe,
E fraco por haver andado tanto,
Sentou-se a descansar o bom do monge,
Com a resignação de quem é santo...

O luar, um luar claríssimo nasceu.
Num raio dessa linda claridade
O Menino Jesus baixou do céu,
Poz-se a brincar com o capuz do frade.

Perto, uma bica d'água murmurante
Juntava o seu murmúrio ao dos pinhais.
Os rouxinóis ouviam-se distante.
O luar, mais alto, iluminava mais.

De braço dado, para a fonte, vinha
Um par de noivos todo satisfeito.

Ela trazia ao ombro a cantarinha,
Ele trazia... o coração no peito.

Sem suspeitarem de que alguém os visse,
Trocaram beijos ao luar tranquilo.
O menino, porém, ouviu e disse:
—O Frei António, o que foi aquilo?...

O santo erguendo a manga de burel
Para tapar o noivo e a namorada,
Mentiu numa voz doce como o mel:
—Não sei que fôsse. Eu cá não ouvi nada...

Uma risada límpida, sonora,
Vibrou com timbres d'ouro no caminho.
—Ouviste, Frei António? Ouviste agora?
—Ouvi, Senhor, ouvi. É um passarinho...

—Tu não estás com a cabeça boa...
—Um passarinho a cantar assim!...
E o pobre Santo António de Lisboa
Calou-se embaraçado, mas por fim,

Côrado como as vestes dos cardeais,
Achou esta saída redentora:
—Se o Menino Jesus pergunta mais,
...Queixo-me à sua mãe, Nossa Senhora!

Voltando-lhe a carinha contra a luz
E contra aquêle amor sem casamento,
Pegou-lhe ao colo e acrescentou: Jesus,
São horas...
—E abalaram p'ró convento.

Aos srs. subscriptores

Avisamos os srs. subscriptores de que vamos proceder á cobrança das assinaturas em débito, suspendendo imediatamente a remessa do jornal a todos aqueles que nos deixarem devolver os recibos.

Aos senhores assinantes do Brasil e Colónias, que ainda não mandaram satisfazer as suas assinaturas, de áque no podemos continuar a mandar o jornal a quem não paga.

Fazemos enormes sacrificios para poder continuar a publicação do jornal e não estamos dispostos a continuar a manter leitores de graça, que não compreendem que só com a ajuda dos subscriptores se pode viver.

Declaração

O abaixo assinado, presidente da Comissão Venatória Concelhia de Fafe, declara que, enquanto estiver desempenhando o cargo de Administrador do Concelho o sr. Tenente Diamantino Leite, ou substituído no seu impedimento pelo sr. Luís Augusto da Silva Dourado, como presidente da Comissão Administrativa Municipal, abandonará, por completo, a fiscalização da caça.

Fafe, 6 de Outubro de 1927.

Albano José Cerdeira.

Aluga-se a CASA DAS LAMEIRAS. Falar com o solicitador Pimentá.

Paginas Selectas

A MULHER

Examina bem a consciência, e dize-me qual é para os corações puros e nobres o motivo inenso, irresistível das ambições de poder, de abastança, de renome?

E' um só—a mulher: é esse o termo final de todos os nossos sonhos, de todas as nossas esperanças, de todos os nossos desejos.

Para o que encontrou na terra aquela que deve amar para sempre, aquela que é a realidade do tipo ideal, que desde o berço trouxe estampada na alma, a mira das mais exaltadas paixões é a aureola celestial que cinge a fronte da virgem, ídolo das suas adorações.

Para o que anda por assim dizer perdido nas solidões do mundo, porque ainda não descobriu a estrela polar da sua existência, o astro que há de iluminar a noite do coração, como o sol com os seus primeiros raios ilumina as trevas de um templo—para este, a mulher é uma idéa vaga e confusa, mas brilhante, formosa e querida. Não a conhece, não sabe onde esteja a imagem visível da filha de sua imaginação, e todavia é para lhe pôr aos pés a glória, poderio, riqueza, que elle cubica tudo isso.

Tirai do mundo a mulher e a ambição desaparecerá de todas as almas generosas. Realidade, ou desejo incerto, o amor é elemento primitivo da actividade interior; é a causa e o fim, o resumo de todos os humanos affectos.

ALEXANDRE HERCULANO.

Castelo de Guimarães

A propósito do recente decreto que faz transitar o velho e glorioso Castelo de Guimarães do Ministerio da Guerra para o da Instrução, foi enviado ao Sr. Ministro da Instrução, pelos Scouts de Guimarães, o seguinte telegrama:

Senhor Ministro da Instrução—Lisboa:—Nucleo Scouts Guimarães cumprimenta Vossa Excelencia agradece interesse nosso venerando Castelo. —Comissário, Santos.

E não ter fôrças, eu, que o segurassem há pouco, ao vê-lo tam ao pé de mim!...

Feitos os cumprimentos, trocadas as despedidas com meu pai, aproximou-se então de mim, solene, grave, com uma palidez notavel, como uma só vez lhe vi, naquela noite inolvidavel em que, louca e má, incorri no delicto de lhe chamar cobarde...

—Sr.ª, adeus! murmurou com voz tremente de emoção. Honro-me de recomendar-lhe minha irmã.

Seu olhar, aneado, repousava-se em mim, e os lábios, a entreabrirem-se, pareciam revelar desejos de falar-me. Mas não: cifrou-se tudo num simples movimento. Apertou-me a mão com gesto febril, inclinou-se como a osculta-la, e de repente suspendeu-se, abandonando-a entristecido.

—Adeus! concluiu enfim; seja v. ex.ª feliz!

Feliz!... Póde lá haver felicidade quando elle consigo me arrebatou o coração e jura a outra a homenagem do seu amor?... Calasse elle ao menos esta certeza, que, emanada de seu coração, e proferida por seus lábios, veio tornar-me a despedida por demais amargurada e duma ironia fundamente cruel!...

Dezembro, 14

Partiu!...

A minha vista, no supremo adeus, encontrou a dele, pela última vez, ao triste clarão dos cirios que circuitavam um catafalco, e a par duns psalms entoados pelos mortos sob as abobadas do templo!...

CARTEIRA

Aniversários

Durante a semana fazem anos as Ex.^{mas} Senhoras e cavalheiros:

Domingo 9—D. Maria Cândida Ferreira, D. Júlia de Jesus Teixeira Martins.
Segunda, 10—D. Sberia de Moura Moniz Guedes Gomes, Dr. José Cardoso Martins (Margaride), Artur Jorge Guimarães.
Terça, 11—D. Maria Madalena Bourbon Batista Sampaio, D. Carlota Ricardina Portugal, Bernardino Faria Martins.
Quarta, 12—D. Maria Madalena de Bourbon Mendes Ribeiro.
Quinta, 13—D. Adelaide Moniz, D. Teresa de Jesus Almeida, Dr. Luiz de Barros Faria e Castro.
Sexta, 14—D. Rosa Amélia Ribeiro de Faria, D. Maria de Lourdes Sampaio Peixoto de Bourbon.
Sabado, 15—Augusto Joaquim da Silva.

Chegadas e partidas

De visita a seu parente, sr. Antonio de Freitas Ribeiro, está em S. João da Ponte, Tapas, o sr. Conselheiro Abel de Andrade.

—Na Póvoa de Varzim tem estado com sua família o sr. Henrique Correia Gomes, habilitado farmacêutico.

—Retirou para a Póvoa de Lanhoso o sr. P.^o Carlos Ribeiro.

—Regressou a esta cidade com sua família o sr. dr. Henrique de Oliveira e Sá, ilustrado professor no nosso liceu.

—Regressou de Vila do Conde com a ex.^{ma} família o sr. major Alberto Cardoso de Menezes (Margaride).

—Da Póvoa de Varzim retirou com sua família o sr. Alberto Pimenta Machado.

—Regressou a Guimarães o sr. Heitor S. Campos, digno gerente do Banco de Portugal.

—Regressou com sua família, de Valença a esta cidade, o nosso querido amigo sr. Manuel Alves de Oliveira, digno director da revista «Gil Vicente».

—Regressou da Póvoa de Varzim, a sua casa do Mourisco em Ronfe, o sr. Joaquim da Costa Vaz Vieira.

Ocasião

Vende-se um automóvel 9 cilindros, americano em bom estado.

Para ver e tratar no cinema em VIZELA.

Asilo de Santa Estefânia

O Asilo de Santa Estefânia, simpática instituição de educação e amparo dos desprotegidos da sorte, bem merece o carinho e protecção de todos os vimezanenses, para debelarem as enormes dificuldades que aquela casa de beneficência infantil tem atravessado nestes tempos anormais.

Os donativos recebidos durante o mês de setembro último foram de 406\$000 reis, oferecidos pelos Ex.^{mas} Senhores:

Condes de Margaride, 40 alqueires de centeio; D. Maria Ribeiro, 1 cesto de maçãs; Anónimo, 5 melancias e 1 cesto de maçãs; D. Maria Henriqueta Leal Sampaio, 50\$000, por alma dos pais, marido e tio; Anónima, 15\$000; Anónima, 1 cesto de cebolas e 1 cesto de maçãs; D. Emilia Leite, 1 alqueire de feijão; Família do falecido sr. Manuel dos Santos Carneiro, pela assistência ao funeral, 30\$000; Anónimo, 2 alqueires de feijão, Cunha & C.^a, 1 cesto de maçãs; D. Maria Máxima de Almeida, 50\$000; Família do falecido sr. Simão Ribeiro, 50\$000, em sufrágio da sua alma; Anónimo, 11\$000; Alberto Guimarães, 100\$000, em memória do seu saudoso amigo sr. Simão Ribeiro; D. Maria de Jesus da Cunha Ribeiro da Silva, 50\$000, em sufrágio da alma de seu falecido irmão sr. Augusto Inácio da Cunha Guimarães Junior; Augusto Inácio da Cunha Guimarães, 50\$000, por alma de seu estremo filho, José da Costa Santos Vaz Vieira, 1 cesto de maçãs; Anónimo, 2 almudes de vinho verde.

Em nome das internadas, a Comissão Administrativa agradece reconhecida.

Anúncio

Vende-se um casco usado e quem o pretender, pode entender-se com o P.^o Alfredo Correia.

... Avisamos

Que na Procuradoria do Dr. João de Oliveira Bastos & Gomes Alves, do Tournal, se fazem os requerimentos para licenciamto legal dos estabelecimentos incómodos, perigosos e insalubres, compreendidos na Tabela II do Decr. n.^o 2364.

Esses estabelecimentos são entre outros os seguintes:

Mercearias, drogarias, hospedarias, restaurantes, cafés e tabernas, fábricas e oficinas, estabelecimentos de qualquer espécie, armazens e os demais incluídos no Edital da Câmara.

Os interessados podem dirigir-se àquela Procuradoria, em todos os dias úteis, das 10 às 12 horas e das 14 às 16.

Imposto de transação

—Os contribuintes não avariados devem pagar o imposto de transação até 30 do corrente.

—Os contribuintes sujeitos ao imposto de transação por meio de livro, que ainda não foram à Repartição de Finanças, a fim de pagarem o referido imposto, respeitante aos meses de janeiro a junho do corrente ano, devem fazê-lo imediatamente. No dia 8 vai para relaxe.

Taxa Anual—Pode ser paga com juros de mora até 30 do corrente.

Taxa Complementar—Deve ser paga com juros de mora até 30 do corrente.

Pode ser dividida em 2 prestações.

Manifesto dos Vinhos—Para dar cumprimento ao que preceitua a respectiva lei, avisam-se os srs. produtores de Vinhos Verdes de que o respectivo manifesto se efectua no Sindicato Agrícola de Guimarães com sede no edificio da Assembleia Vimezanense.

Aviso muito importante

—Por que entendemos que deve interessar a muitos dos nossos leitores das freguesias rurais, trans-

NOTICIARIO

Na Póvoa de Varzim

Realiza-se hoje e amanhã na linda praia da Póvoa de Varzim uma original e interessante festa marítima, organizada pelo «Século», com a colaboração de todas as colectividades da Póvoa e imprensa, a favor da bella instituição de mutualismo e de previdência, a Casa dos Pescadores Poveiros.

O programa é vasto, prometendo ser uma festa, sobre todos os pontos de vista, interessante e com larga concorrência.

Imposto de Transacção

Grémio dos Taberneiros e Armazens de Vinhos

Encontra-se em reclamação o caderno da distribuição feita pelo respectivo Grémio, na rua de S. Dâmaso n.^o 153, das 10 às 16 horas, até ao dia 16 do corrente. Guimarães, 6 de Outubro de 1927.

O Presidente,

Manuel da Silva Leite.

Casa

Vende-se uma na rua Francisco Agra n.^o 77, tendo também frente para a Travessa dos Bimbaís. Recebe propostas em carta fechada o solicitador Pimenta.

crevemos do Decreto n.^o 13.658, de 23 de Maio último, o seguinte:

Art. 23.^o—Só é permitido possuir cabras, não estabuladas, aos proprietários ou arrendatários de terrenos bastantes para apascentar esse gado e sempre mediante licença da Câmara Municipal que cobrará uma taxa fixa por cabeça caprina, devendo os requerentes serem pessoas idóneas para assinar termos de responsabilidade pelos danos causados.

§ 1.^o Os donos de gado caprino que invada propriedades alheias, ainda que possua a licença passada pela Câmara, ou transite de noute fora das propriedades onde tenha licença para pastar, incorrem nas penas fixadas nos artigos 44.^o e 49.^o (4\$00 de multa por cada cabeça de gado caprino) da reorganização dos serviços de policia florestal, aprovada pelos decretos n.^o 12.625, de 3 de Novembro de 1926 e n.^o 12.793, de 30 do mesmo mês.

§ 2.^o Os donos de prédios invadidos por gado caprino poderão apreendê-lo, na presença de duas testemunhas, e entregá-lo à Câmara Municipal, na sede do concelho, ao regedor da respectiva freguesia ou aos guardas florestais e guardas republicanos, no caso de existirem na localidade.

1875

Pau, 16 de abril de 1875

Hoje os meus vinte e cinco anos!

Levanto-me duma enfermidade grave e longa, que me levou quasi a transpor os humbrais da eternidade. As amarguras de meu querido pai pesaram por certo deante de Deus, e eis-me de novo condenada a caminhar além, debaixo do fardo incomodo da vida. Nos dias intermináveis da convalescença por que passei, quando a extrema debilidade de meu corpo me alquebrava mais e mais o espirito, por muitas vezes deseri de obter um restabelecimento. Era um mal, isso era; e ao ver meu pai, acabado pela dor, a contemplar-me ancedamente, angustiadamente, a mim mesma eu me lançava em rosto o egoismo cobarde, que me fazia desejar a morte; mas, apesar de oscilante entre estes encontrados sentimentos, o que mais me atraía era o findar de vez...

Como resignar-me a uma vida em que me falta o amor de André!...

Não tenho, não... tenho forças...

Todavia, assim que me abandonava pusilanimemente ao desejo de morrer, parecia ouvir uma voz, a voz do meu Crucifixo, que me dizia:

«Esqueceste, filha, que o único fim para que

— Por alguns dias dá-lhe hospedagem minha irmã, em tanto que uma tia da sr.^a de Kéradeck, de Renes também, a não vêm buscar para a sua companhia. Dizem-me ser a tia dum génio egoista e avarento, o que é por certo bem desagradável; a Lúcia, porém, intenta colocar-se independente como professora de música, além de que temos esperanças numa feliz conclusão na demanda; e enfim, na idade dela, o futuro...

— Sim!... interrompeu meu pai intencionalmente, é formosa bastante para obter um marido pelos seus lindos olhos, e, ou me engano, ou vê-la-emos, apezar destes períodos de provação, entrar bem cedo numa época de felicidades...

— Oxalá seja assim, coronel. Por minha parte, observou André gravemente, farei tudo quanto possa por auxilia-la em seu bem-estar.

Esta palavra, caída dos lábios de André, foi uma espada a trespassar-me o coração. Não tenho que ver: com todas as véras se consagrou às venturas de Lúcia de Kéradeck! e eu, eu... que vai ser de mim, triste, só, sem o amor que eu sonhara?... Impossível agora a dúvida de que uma promessa solene, um juramento talvez, o não tenha preso.

A não ser assim, outro acolhimento me alegraria ao chegar a Pau, e não se ausentara fugindo-me, porque para fugir-me é que é esta impertinente retirada; para fugir-me, para esposar a Lúcia apenas de todo me haja banido de seu coração, me tenha esquecido para sempre... Que profundo sofrimento!